

CAMPOS, Diogo Ribeiro de

D. Sebastião Leite de Vasconcelos: o apóstolo da bondade

2ª edição revista, corrigida e aumentada. Porto: Salesianos, 2024. 110 p.

CARLOS A. MOREIRA AZEVEDO

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2025.18089>

Pontificio Comitato di Scienze Storiche, Cidade do Vaticano
Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0001-9156-4378>

O livro pretende celebrar o centenário da morte do portuense Dom Sebastião Leite de Vasconcelos (1852-1923), fundador da Oficina de São José, no Porto e bispo de Beja (eleito a 1-8-1907 – 20-01-1911).

Estamos perante um texto de teor panegírico, mais do que histórico, ainda que congrege alguns dados biográficos rigorosos e fundamentados. A grande base de informação, amplamente citada, é o opúsculo de homenagem, publicado em 1925, e o processo judicial da Direção-Geral da Justiça e dos Cultos (1909-1926).

O jovem historiador Diogo Ribeiro de Campos, parente do homenageado, inicia por descrever as origens familiares e traçar o percurso académico desde o Colégio dos Órfãos e Colégio de Campolide em Lisboa, até ao Seminário Maior do Porto, sendo ordenado a 15 de novembro de 1874. Divide o exercício do ministério presbiteral em três fases: pregador, confessor e visitador de reclusos da Cadeia da Relação; funcionário da Câmara Eclesiástica da diocese do Porto e fundador da Oficina de São José (1880), com Estatutos aprovados em 1887.

O Autor menciona alguns dados do processo episcopal de Sebastião Leite de Vasconcelos, por mim encontrados no Arquivo Apostólico Vaticano. Seria muito interessante e fundamental consultar todo o longo processo (AAV – *Archivio Nunziatura Lisbona* 370, fasc. 1, ff. 160-310v). Aí se conservam muitas cartas do deão de Sé do Porto e futuro bispo de Coimbra Manuel Luis Coelho da Silva, contrárias à ordenação. O bispo D. António Barroso foi salomónico, na carta enviada à Nunciatura, a 1 de junho de 1907, por mim publicada, mas o Núncio Giulio Tonti não atendeu, pois a apresentação real era já pública. O bispo do Porto, ao afirmar que o deão era incapaz de caluniar confirma as suas informações, mas atenua-as, alegando a diferença de opiniões provindas de caracteres opostos (p. 41). Parece-me errar Diogo Campos ao escrever: «no que tange às apreciações transmitidas a D. António Barroso, tudo se viria a revelar um desacerto» (p. 42). As acusações foram enviadas para a Nunciatura e não a Barroso e são graves.

Informo e acrescento que o processo formal do P. Sebastião para bispo conserva-se mais adiante (ANL 370, fasc. 4, ff. 161-185). Foram testemunhas ouvidas na Nunciatura: os jesuítas Luís Gonzaga Cabral e João Serafim Gomes, sobre a pessoa; e sobre a diocese: P. Amadeu Guerreiro Fontes Ruas (03-12-1907) e Pedro Velasco Vieira Pimentel, general (05-12-1907).

Diogo Ribeiro de Campos oferece a narrativa da ordenação episcopal na Sé do Porto no dia 2 de fevereiro de 1908, dia seguinte ao regicídio em Lisboa. Entrou solenemente em Beja a 11 de março. Existia uma triste situação no Seminário, dominado desde 1891 por dois irmãos P. José Maria Ançã e Manuel Ançã, indignos, ambos com filhos. O vigário pró-capitular, após

inspeção, solicitou ao governo o encerramento do seminário, a 24 de janeiro de 1907. O seminário reabrirá por decisão já de D. Sebastião, em outubro de 1908.

O bispo ausenta-se para ir a Roma em visita *ad limina* (07-05 a 21-06-1909). Quando chega tem de enfrentar os padres Ançã que fizeram queixa ao Ministro da Justiça, que ordena ao bispo a reintegração do Vice-Reitor. Dom Sebastião instaura um processo que desmascara a vida imoral dos padres. Estes não perdoam e reagem. Depois de diversas peripécias, descritas por Ribeiro de Campos (p. 56-60), os padres Ançã são finalmente demitidos, por portaria do Ministério da Justiça (14-02-1910). O autor menciona a campanha de destruição moral pelas forças republicanas e maçónicas, com folhetos indecorosos, acusando o bispo de homossexual.

A instauração da República surpreende o bispo de Beja em visita pastoral, no concelho de Moura e de Barrancos. Em Beja é assaltado o Paço, tendo como chefe Manuel Ançã. O bispo é aconselhado a não regressar a Beja, como desejava. Entra em Espanha por Rosal de la Frontera e vai para Sevilha. Escreve à Direção-Geral dos Negócios Eclesiásticos a comunicar a sua saída do país para algum descanso e nomeia administrador da Diocese. Afonso Costa responde a 21 de outubro, suspendendo o bispo e declarando nula a nomeação do governador. Encarrega Augusto Eduardo Nunes de nomear governador. Este resiste e o governo declara a diocese de Beja *sede vacante*. Dom Sebastião envia longa exposição explicativa. O Vaticano nomeou, a 20 de janeiro, Eduardo Nunes como administrador apostólico enquanto o bispo não poder assumir.

O bispo de Beja, após Espanha, onde colabora na pastoral de algumas dioceses, vai para Lourdes e, em novembro de 1912, para Roma. Ribeiro de Campos informa, com detalhe, das atividades de Dom Sebastião em Roma. Em dezembro de 1919 é nomeado arcebispo titular de Damietta, uma vez que as tentativas para regressar como bispo de Leiria não surtiram bom acolhimento. E a 16 de dezembro de 1920 é nomeado o bispo de Beja José do Patrocínio Dias.

Como nota final, lamento a desordem nos critérios das referências bibliográficas. As obras de Vasconcelos são fonte para o trabalho e deviam ser reunidas e separadas, como outras fontes, dos estudos. Não se justifica a subdivisão entre artigos, conferências e livros. A Libreria Editrice Vaticana não é Autor etc.

*

Aproveito a recensão para acrescentar, além dos elementos já apontados, alguns dados que recolhi em investigações adjacentes. Uma figura controversa merece um estudo mais rigoroso que atenda à correspondência no Arquivo da Nunciatura de Lisboa (365, fasc. 3, ff. 34-35 (carta de Roma, 25-05-1909); 56-59; 62; 66-72; 77-78; 84-89; 97-98; 107-07v; 369, fasc. 2, ff. 22-23 (carta de 07-04-1908); 369, fasc. 3, ff. 265 ss. – cartas; 367, fasc. 2, ff. 201-207 (carta 16-11-1909). São muitos os pareceres sobre a possível ida para Portalegre (404, fasc. 1, ff. 229 ss.).

As tentativas para que o bispo regressasse a Portugal estão documentadas. É conhecida a de Leiria, de 1918 (AZEVEDO, Carlos A. Moreira – Restauração da Diocese de Leiria. In MENDONÇA, Manuela; DUARTE, Marco Daniel, coord. – *Processo histórico da Diocese de Leiria-Fátima. Congresso evocativo do Centenário da restauração*. Leiria: Diocese de Leiria-Fátima. 2020, p. 147-164. Publicado em *Entre Vaticano e Portugal*. Prior Velho: Paulinas, 2022, p. 231-253), que o autor cita. O trabalho de Ribeiro de Campos não aborda a tentativa anterior.

Abre-se, de facto, a hipótese de Dom Sebastião ir para Portalegre, em junho de 1915. O arcebispo de Braga (22-06-1915) escreve que «D. Sebastião Vasconcelos foi o padre mais popular do país com as Oficinas de São José, no Porto. Venerado ainda, não obstante a conhecida campanha que injustissimamente contra ele levantaram em Beja os padres Ançã». Acertada a nomeação para Beja (f. 234). O arcebispo de Braga chega a aceitá-lo como auxiliar (ff. 304 ss). O Patriarca acha que estaria melhor em Bragança (ff. 237-237v). O arcebispo de Évora tem opinião negativa para Portalegre (ff. 239-239v).

Deixo aqui curiosas cartas inéditas de António Barbosa Leão, bispo do Algarve, ao núncio Masella, sobre o bispo de Beja.

«Ex.mo e Rev.mo Senhor

Para responder às perguntas que V. Ex.cia se digna fazer-me quanto à transferência do senhor Bispo de Beja para Portalegre, tenho a dizer: 1º que, ponderadas todas as circunstâncias, especialmente a de ser conveniente tirar aquele prelado de situação em que se encontra e a de ser urgente dar remédio ao estado lastimável da diocese de Beja, julgo oportuno a transferência; 2º que não me parece provável que o Governo queira abrir um conflito por este motivo; no entanto o caso é digno de toda a ponderação.

Ha cerca de dois mezes ... o *Século* referindo-se à vinda do Sr. Bispo de Beja para o paiz dava a entender que elle, apezar dos decretos contra elle publicados, podia vir e entrar em qualquer diocese; mas que ir para Beja não seria fácil.

Faro, 25 de Junho de 1915».

Bispo do Algarve” (ANL 404, fasc. 1, f. 236).

Carta de António Barbosa Leão a Masella, 20-08-1915 (ANL 404, fasc. 1, f. 323-324v):

«O Senhor Bispo de Beja, a par de muitas virtudes tem ... este fraco gosta muito de aparecer, de ser visto, ouvido, falado; e não sendo demasiado circunspecto, faz com frequência em volta de si um ruído grande, que nem sempre é favorável à Igreja.

Sendo assim, e dados os precedentes que V. E. muito bem conhece e as antipatias que o seu nome desperta em certas pessoas, parece-me um desastre a sua colocação como Presidente da Comissão Executiva dos “Indultos Pontifícios”. Teria ele de viver em Lisboa, e, dentro em pouco, seria uma das pessoas mais discutidas, o que decerto reverteria um prejuízo de instituição, à frente da qual se via colocado.

Isto, sem falar da dificuldade, que talvez ele encontrasse em entender-se bem com um ou dois colegas no Episcopado por causa de certas inconfidências, que me parece se deram quando se tratou de sua nomeação para o episcopado.

Quanto à transferência para Portalegre, como já tive ocasião de dizer a V. E., parece-me solução aceitável; e, embora se possa ter receio de qualquer surpresa desagradável, estou convencido de que o governo não fará dificuldades à sua entrada na diocese. A questão está em ele depois se manter.

Se for tomada esta resolução, parecia-me de bom aviso que os jornais católicos, antes da sua vinda para a Diocese, pouco ou nada falassem do caso; e que, depois,

não se afastassem muito d'esta norma, porque à força de a quererem exaltar ou defender, podem compromete-la.

Poderia, talvez, aproveitar para a sua vinda e entrada na Diocese a ocasião de posse do novo Presidente da Republica. Estão todos entendidos com as festas, e por isso passará o caso quasi despercebido. Demais o Presidente Machado creio que foi condiscípulo ou contemporâneo do Sr. Bispo de Beja no Liceu do Porto; por isso não quererá molestar.

Deste modo a Santa Sé resolve o assunto, tirando-o da situação desagradável em que ele se encontra. Se depois ele não poder manter-se no seu posto, e se vir forçado a resignar, as irmãs e sobrinhos que o estimam e se encontram em boas condições de fortuna, proverão à sua sustentação, caso ele não tenha bens próprios.

Eis o que se me oferece dizer sobre o assunto, que a Santa Sé resolverá com a sabedoria e prudência com que em tudo prove.

Deus guarde V. E. . . .

António, Bispo do Algarve».

Estas e outras fontes levarão Diogo Ribeiro de Campos a rever a sua obra.